



Nercina, guardiã da terra e da esperança: a força de uma mulher quilombola no sertão do Piauí

Na comunidade Alto da Boa Vista, no município de São José do Piauí, vive Nercina Maria da Silva Sousa, 58 anos. Mulher forte, agricultora, mãe de oito filhos e avó de sete netos, é ela quem carrega no peito a memória viva de uma história de resistência, amor e transformação marcada pela ancestralidade e pela fé.

Foi há 41 anos que tudo começou. Ela e o companheiro de vida, Martinho Daniel de Sousa, 57 anos, iniciaram uma caminhada juntos sobre a terra herdada da família no sertão. “Casamos novinhos e tudo era muito difícil. A gente morava numa casinha de taipa, na roça mesmo, mas tínhamos o sonho de construir um lar de tijolo com mais conforto para as crianças. Fomos lutando até conseguir”, lembra Nercina, entre sorrisos e lágrimas.

Na época, a água era escassa. “Tínhamos a terra, mas sem água nada crescia. Eu colocava os meninos para dormir e muitas vezes não tinha nem como fazer o café da manhã no dia seguinte. A gente andava quatro quilômetros, puxando um jumento com os tamborzinhos para buscar água. Era um sacrifício diário”, relata.

Em 2003, dona Nercina recebeu uma das primeiras tecnologias do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC). “Uma noite, em oração, pedi que Deus mandasse alguém com água. No outro dia, apareceu um técnico da Cáritas falando sobre a cisterna de beber. Desde então, nunca mais faltou água na minha casa”, explica a agricultora. A primeira cisterna garantiu o direito à água de qualidade para a família beber e cozinhar.

Em 2019 o quintal de Dona Nercina e seu Martinho se tornou ainda mais produtivo, foi instalado o sistema de reúso de água, um processo de aproveitamento de águas utilizadas no banho e na cozinha para serem filtradas e reutilizadas para produção de alimentos no quintal da família. “Começamos a plantar com mais cuidado, o quintal virou um pedaço de paraíso. Verdura, fruta, criação. A mesa ficou cheia e saudável. A gente passou a viver melhor, comendo melhor”, conta a agricultura com orgulho.

Hoje, o quintal da família é um retrato da fartura e do cuidado: manga, goiaba, acerola, romã, maracujá, tangerina, limão, feijão, milho, abóbora, mandioca, fava e tantas outras riquezas cultivadas com as próprias mãos. É também fonte de renda, pois além de alimentar toda a família o excedente é comercializado na própria comunidade. “Eu cuido da minha horta com amor sagrado. Essa terra me ensinou tudo. E eu sou grata por isso”, comemora Nercina. Martinho, seu companheiro, reforça que o legado permanece e os oito filhos seguem no campo com suas roças. Os netos e bisnetos só conhecem o tempo da escassez pelas histórias contadas pelos avós, que fazem questão de manter viva a memória da transformação trazida pela água.

Entre o barro da casa de taipa e o verde do quintal agroecológico, dona Nercina segue firme, como símbolo de tantas mulheres quilombolas: raiz, resistência e renascimento no coração do semiárido.

